



MULHERES, RAÇA E FILOSOFIA



Uma das discussões mais atuais no campo da filosofia e que possui também intercessões com a História e a Sociologia, é a que diz respeito ao feminismo com recorte racial. Em outras palavras, não um feminismo que considere todas as mulheres do mundo como iguais, mas um que leve em consideração a especificidade das mulheres negras.

Afinal, reconhecer as diferenças não é sinônimo de preconceito, pois tratar os diferentes de forma igual é em si uma injustiça, pois os diferentes grupos da sociedade possuem históricos de vida, necessidades, preocupações e demandas, que são diferentes. Portanto, é necessário reconhecer isso. Felizmente, existe toda uma geração de filósofas negras que se dedicaram a pensar estas questões, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

ANGELA DAVIS (1944 - ...)

Certamente, Angela Davis é a filósofa negra mais conhecida internacionalmente. Não somente pela força e importância da sua obra intelectual, mas pelo seu ativismo junto ao **Partido dos Panteras Negras pela Autodefesa** (*Black Panther Party for Self-Defense*) que, formados inicialmente para conter a violência policial nos guetos negros dos Estados Unidos, praticavam ações sociais nas comunidades enquanto disseminavam para os afro-americanos pensamentos da extrema-esquerda.



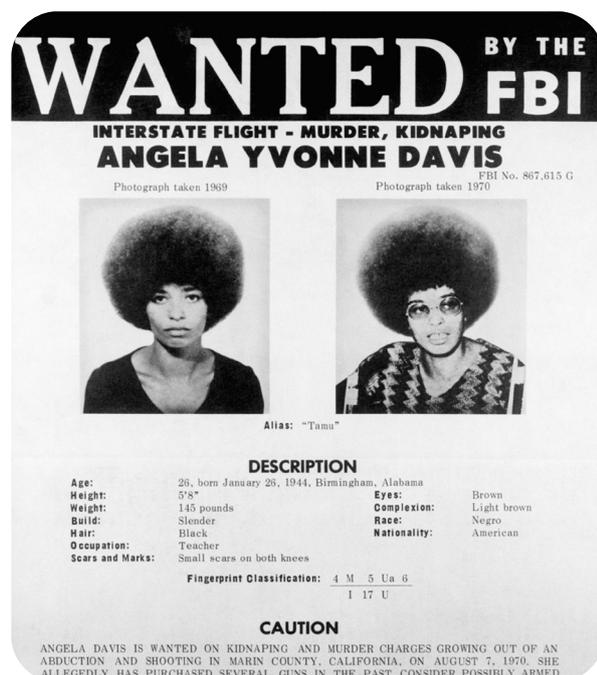


Logo, os Panteras Negras foram considerados pelo diretor do FBI, J Edgar Hoover, como a maior ameaça para os Estados Unidos. Assim, a inteligência estadunidense iniciou uma violenta campanha visando desestabilizar o grupo e assassinar suas principais lideranças, como foi o caso de Fred Hampton.

Angela Davis era professora universitária de filosofia e, ao mesmo tempo, militante dos Panteras Negras. No começo da década de 70, ela foi acusada de ter auxiliado um grupo de militantes negros que haviam sequestrado um juiz. Sua prisão foi decretada imediatamente e Davis tornou-se uma fugitiva. Porém, ela foi encontrada e presa poucos meses depois.

Após uma grande campanha pela sua libertação e após muitos meses de luta nos tribunais, Angela Davis teve sua inocência provada e foi libertada. Sua experiência na prisão fez com que ela conhecesse o sistema prisional dos EUA de dentro, o que agregou às suas reflexões filosóficas sobre o racismo na sociedade. Além disso, tendo um interesse particular pela História, Angela Davis estudou a fundo a história da escravidão para compreender as origens do racismo estrutural que afeta homens e mulheres negros na sociedade.

A este respeito, Davis logo descobriu que a escravidão promoveu uma certa igualdade de gênero entre homens e mulheres, pois ambos eram vistos como propriedade. A diferença residia no fato de que as mulheres negras estavam mais sujeitas à violência sexual.



Mas, definitivamente, a escravidão criou um distanciamento entre mulheres brancas e negras, o que gerou a necessidade de um feminismo que estivesse atento a essa diferença. De maneira emblemática, o relato da ex-escravizada e ativista Sojourner Truth, *Ain't I a Woman?* revela de forma eloquente esse fato.

“Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem



para meu braço! Eu capinei, eu plantei juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?”



Sojourner Truth

Maternidade Compulsória ou Esterilização Compulsória

A diferença na percepção de mulheres negras e brancas na sociedade é ainda mais óbvia quando abordamos a questão da maternidade dentro do movimento feminista. Enquanto **as mulheres brancas e de classes altas**, a esterilização e o aborto são reivindicados como um **direito de escolha**, no caso das **mulheres negras e imigrantes** isso é visto como **um dever de esterilizar e abortar**.

Homem Negro X Mulher Negra



De uma forma geral, o corpo negro, tanto do homem quanto da mulher, está associado na mentalidade racista à selvageria, violência e hipersexualidade. Existem, no entanto, algumas pequenas diferenças nas maneiras como homens e mulheres são considerados.

Ao passo que a ideia de **estuprador** e **criminoso** está fortemente associado ao **homem negro**; no caso da **mulher negra** recaem os preconceitos da **mulher sempre disponível para o sexo** e da **loucura e violência**. Todas essas ideias foram herdadas do período escravista e ainda persistem, contribuindo assim para o racismo na atualidade.

Por esse motivo, houve um afastamento da militância negra feminista em relação à militância feminista tradicional, pois foi entendido que enquanto existir o racismo que também afeta o homem negro, a mulher negra não será livre.

Trabalho Escravo - Sistema Carcerário

Nos Estados Unidos, o sistema carcerário pode ser facilmente considerado como uma persistência do antigo sistema da escravidão. Após a lei que libertou os escravizados em 1863, dois anos depois o Congresso passou uma emenda que permitia o trabalho forçado (escravo) como forma de punição para crimes. Quando observamos que 34% dos presidiários nos Estados Unidos são pessoas negras, isso num país onde eles constituem pouco mais de 13% da população, fica claro o racismo sistêmico da sociedade norte-americana.





LÉLIA GONZALEZ (1935-1994)



Assim como Angela Davis, Lélia Gonzalez foi professora, filósofa, antropóloga e ativista do movimento negro. Aliás, ela foi uma das fundadoras do MNU (Movimento Negro Unificado). As reflexões que ela realizou apoiavam-se na psicanálise. Então, por exemplo, ela considerava que o chamado “Complexo de Édipo”, não era em relação à mãe do menino, mas à pessoa que cuidava dele.

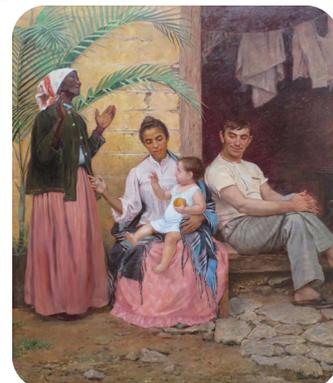
Aliás, Lélia foi pioneira em identificar no racismo um sistema que perpassa todas as relações e instituições da sociedade.

O Racismo no Brasil é Tabu



O racismo no Brasil é um tabu, e esse fato faz com que o tema nunca seja superado, pois a nação brasileira nunca discutiu seriamente os efeitos do pós-escravidão, quando a população negra e ex-escrava ficou relegada à marginalidade.

Lélia Gonzalez reconhecia o impacto econômico, social e cultural da escravidão, e foi uma das primeiras intelectuais a criticar a democracia racial e a denunciá-la como um mito. A propósito, Lélia Gonzalez é o modelo por excelência da intelectual negra, e mesmo Angela Davis reconheceu as contribuições intelectuais da militante brasileira, afirmando que ela foi pioneira em fazer interseções de gênero, raça e classe.





DJAMILA RIBEIRO (1980 - 41 ANOS)

Lugar de Fala

Djamila Ribeiro tem se destacado como uma das principais vozes não apenas na questão do movimento antirracista, mas também por trazer à tona o tema do **lugar de fala**. Todos possuem um lugar de fala, que diz respeito à posição que ocupamos em determinado contexto social e cultural.



Neste sentido, o lugar de fala do racismo pertence às pessoas que sofrem racismo. Portanto, no caso da sociedade brasileira, o lugar de fala do racismo pertence às pessoas negras. Já os brancos ocupam o **lugar de escuta**, que é o lugar de quem detém os privilégios na sociedade racista.

Papel do Branco na Sociedade Racista

A partir disso, Djamila Ribeiro atribui ao branco não somente o lugar de escuta, mas também um papel importante para a mudança. Ao reconhecer o seu lugar (**lugar de escuta**), o branco se responsabiliza e reconhece o privilégio dele dentro da sociedade racista. Lembrando que o privilégio de alguns é a falta de direitos de muitos.

Como disse Grada Kilomba, artista e psicóloga afro-portuguesa:

“É mais fácil você reprimir e rejeitar para não ter que lidar com a verdade dos outros”

Ou ainda Angela Davis que afirmou:

“Numa sociedade racista não basta não ser racista é necessário ser antirracista”

SUGESTÃO DE DOCUMENTÁRIO



“Nos bastidores do show no Theatro Municipal de São Paulo, o rapper e ativista Emicida celebra o grande legado da cultura negra brasileira.”